

25 DE ABRIL: A REVOLUÇÃO DA FRATERNIDADE

APRIL 25: THE FRATERNITY REVOLUTION

Cinda Gonda

Universidade Federal do Rio de Janeiro

orcid.org/0000-0003-4260-3267

gumercindagonda@letras.ufrj.br

131

RESUMO

Os ecos da Revolução dos Cravos em Portugal, no contexto político e social do Brasil. As trocas culturais nas artes: música, teatro e literatura. Por entre memória e subjetividade, um novo aprendizado se dá, feito de vitórias e frustrações e a permanente utopia.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução dos Cravos, Memória, Resistência, Utopia.

ABSTRACT

The echoes of the Carnation Revolution in Portugal, in the political and social context of Brazil. Cultural exchanges in the arts: music, theater and literature. Between memory and subjectivity, new learning takes place, made up of victories and frustrations and permanent utopia.

KEYWORDS: Carnation Revolution, Memory, Resistance, Utopia.

Foi o espanto a aprofundar-se em cada dia perante o que todos éramos capazes de fazer, ultrapassando cada barreira e tomando o país estranho palmo a palmo. A surpresa dos próprios gestos e do novo país descoberto, a rapidez do sonho conhecido pelos jornais e também nos locais percorridos. Tornou-se a cidade maior e as noites tornaram-se dias. As coisas pertenciam às pessoas [...] Tanta gente, donde vinha?

Eduarda Dionísio. *Retrato d'um amigo enquanto falo*.¹

¹ DIONÍSIO, Eduarda. *Retrato d'um amigo enquanto falo*. Lisboa: Quimera, 1988, p. 27.

Seria um fim de noite como outro qualquer. Pelo rádio, chegavam as notícias do outro lado do Atlântico dando conta de um golpe militar em Portugal! Habituada à derubada, por militares de direita, de governos legitimamente eleitos, na América Latina, pensou de imediato nos amigos que lá viviam. Um calafrio lhe percorreu o corpo. Depois de quase meio século de ditadura salazarista, um “rumor de botas” parecia dar continuidade ao pesadelo fascista. Felizmente, o dia seguinte espantaria os fantasmas da madrugada anterior – a revolta era progressista (a revolta precede à revolução). A multidão que tomara as ruas contrariou os comunicados radiofônicos que pediam para que a população ordeira permanecesse em casa, para evitar o derramamento de sangue. O povo, com o qual não se contava, orientaria os rumos dos acontecimentos.

Se, em Portugal, o período de exceção durara 48 anos, aqui, no Brasil, a chama que ardia do outro lado do oceano aqueceria os sonhos de liberdade. *Revolução das Flores*, como a chamaram inicialmente, *Revolução dos Cravos*, nome com que entraria para a História.

Assim, contagiada por uma alegria militante, chegou à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Avenida Chile. Nunca os olhares comunicaram tanto. Agentes infiltrados em sala de aula exerciam a habitual vigilância. Os versos de Torquato Neto ecoavam como um toque e alerta: “Agora não se fala mais / toda palavra guarda uma cilada / e qualquer gesto é o fim do seu início”.² Apesar do cerco, esperava-se um sinal... um som que fosse... até então suspenso, adiado – quem sabe “abril”, a escapar de um verso de Sophia de Melo Breyner Andresen, ou, sob o disfarce de uma metáfora, essa forma oblíqua e transferida do poeta dizer uma coisa em lugar de outra – “amanhecer”, “sol”, “por revolução. Bastaria um poema de António Ramos Rosa, Jorge de Sena, Manuel Alegre, Egito Gonçalves, Maria Teresa Horta... O tempo parecia suspenso. A geração de maio de 68 aprendera a “ser realista e exigir o impossível”.³ A lembrança dos amigos desaparecidos sem deixar rastros, no entanto, devolvia a realidade dos “tempos sombrios”⁴ que se competia viver. À tardinha, um pequeno grupo de estudantes caminhou em direção à Lapa. Num bar, discretamente, comemoraria “o dia levantado e especial”.⁵ Com vinho barato, Sangue de Boi, e alguns petiscos portugueses, por entre sussurros, como convinha, ergueu-se um brinde à vida. O instante “guardou o valor vital do gesto”,

² TORQUATO NETO. *Os últimos dias de paupéria*. 2ª ed. Organização de Ana Maria Silva de Araújo Duarte e Waly Salomão. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1982. p. 392.

³ Frase inscrita nos muros de Paris, por ocasião de maio de 1968.

⁴ Aqui, fazemos alusão ao livro de Hannah Arendt *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁵ Cf. SARAMAGO, José. *Levantado do chão*. Lisboa: Editorial Caminho, 1980.

como nos lembra Lukács.⁶ Nenhum outro vinho, por mais raro, superou aquele, porque guardava o sabor de juventude, de sonhos e liberdade.

Poucos dias depois, rápidas imagens do 1º de maio em Portugal surpreenderiam quem assistisse à TV Globo, empresa ligada ao regime. Uma semana após o golpe, quinhentas mil pessoas empunhando bandeiras vermelhas, que representavam o partido dos trabalhadores, compareciam às ruas de Lisboa.

Vinte anos mais tarde, o documentário *O novo país*, realizado pela mesma emissora, tendo o 25 de Abril revisitado por personagens que o vivenciaram, provocaria espanto a quem o assistisse. Glauber Rocha com sua câmera registrando os fatos, Sebastião Salgado com suas fotos divulgando para o mundo a boa nova. A ditadura, com seus tentáculos, permanecia.

Cantigas de amigo

No Brasil, diferentemente de Portugal, Espanha, Chile, entre outros, os ditadores se revezavam no exercício do poder. Desse modo, o próprio regime parecia se alterar, quando na verdade tudo se mantinha ferozmente imutável. Acentuavam-se as práticas de tortura e morte, período que ficou conhecido como “os anos de chumbo”. A Revolução dos Cravos nascia, enquanto, aqui, o governo Médici chegava aos estertores. O autoritarismo, como em toda parte, eliminou partidos, sindicatos, organizações estudantis. Os fascistas, sabe-se, escolhem seus inimigos. O sistema político ficaria definido pelo bipartidarismo. Da vasta gama de legendas, duas foram criadas: o MDB, Movimento Democrático Brasileiro, reunindo os partidos de esquerda, e a ARENA, Aliança Renovadora Nacional, os da direita. A *Revista Brasil Socialista*, ligada ao MDB, publica o artigo “Lições de Portugal”, assinado por Raul Vila. Com análise lúcida do que se passava no país, discutia a extensão dos impasses que o atravessavam. Mais tarde, seria devolvida ao sociólogo e Professor da USP, Éder Sader, a sua autoria. Ativista político, fundaria ainda a Política Operária, a POLOP. Perseguido, buscará exílio no Chile, em 1964. O texto reaparecerá no livro *Um rumor de botas: A militarização de Estado na América Latina* (Sader, 1982).

No terreno fértil da música popular brasileira, os Cravos floresceriam. Nara Leão irá gravar “Grândola, Vila Morena”, de Zeca Afonso, dando-lhe novo arranjo. A introdução, de cunho marcial, marcada por ruídos de botas, tornava-se a alusão direta ao regime militar brasileiro. “Tanto mar”, de Chico Buarque, em suas duas versões – a primeira,

⁶ Cf. LUKÁCS, György. *A alma e as formas*. Intr. Judith Butler. Trad. Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

vetada no Brasil, seria gravada apenas em Portugal. Trazendo os verbos conjugados no presente, revelaria o clima de euforia que contagiava o país:

Sei que estás em festa, pá
Fico contente
E enquanto estou ausente
Guarda um cravo para mim

Eu queria estar na festa, pá
Com a tua gente
E colher pessoalmente alguma flor
No teu jardim

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar
Sei também quanto é preciso, pá
Navegar, navegar

Lá faz primavera pá
Cá estou doente
Manda urgentemente algum cheirinho
De alecrim (Buarque, 1975)

Na segunda, no tom melancólico das elegias, os tempos verbais conjugam-se no passado. Afinal, toda revolução é uma festa, onde todos são convidados a participar. Há os que ali comparecem para a celebrar. Outros para conspirar, traindo-a.

Foi bonita a festa, pá
Fiquei contente
Ainda guardo renitente
Um velho cravo para mim

Já murcharam tua festa, pá
Mas certamente
Esqueceram uma semente
Em algum canto de jardim

Sei que há léguas a nos separar
Tanto mar, tanto mar

Sei também quanto é preciso, pá
Navegar, navegar

Canta a primavera, pá
Cá estou carente
Manda novamente
Algum cheirinho de alecrim (Buarque, 1978)

Assim como Nara Leão, a cantora Márcia se alinharia aos festejos, gravando a canção “Pomba branca”, de Paulo de Carvalho.

Pomba branca, pomba branca
Já perdi o teu voar
Naquela terra distante
Toda coberta p’lo mar (...)

Fui criança e andei descalço
Porque a terra me aquecia
E eram longos os meus olhos
Quando a noite adormecia
Vinham barcos dos países
E eu sorria a Deus, sonhei
Traziam roupas, felizes
As crianças dos países
Nesses barcos a chegar

Depois mais tarde ao perder-me
Por ruas de outras cidades
Cantei meu amor ao vento
Porque sentia saudades
Saudades do meu lugar
Do primeiro amor da vida
Desse instante a aproximar
Dos campos, do meu lugar
À chegada e à partida

Pomba branca, pomba branca
Já perdi o teu voar

Naquela terra distante
Toda coberta p’lo mar (Carvalho, 1994)

De Abílio Manoel, cantor e produtor musical português radicado no Brasil, encontramos a canção “O fado e o cravo de abril”, onde o sentimento de exílio era ali partilhado por entre o amor e a saudade da terra distante:

Os gritos roucos
O mês de abril
E agora a vida que não se viu

Os lenços brancos
No cais do porto...
Meu coração anda solto

Uma vontade de voltar
Rever as flores
Que aqui não há
Seguir cantando o dia novo
E o coração do meu povo

E o som das guitarras na rua
Conversas de esquina
Varinas, cantigas...
O fado e o cravo de abril (Manoel, 1976)

A música “Pena Verde”, outro e talvez o maior sucesso do autor, aludiria, ainda uma vez, ao 25 de Abril: “Pus um cravo, na lapela / Sou escravo eu sou dos olhos dela, / Pena verde no chapéu / Me deu sorte, ela caiu do céu” (Manoel, 1970). Ainda em 1974, Vinicius de Moraes comporia a marcha-rancho “As cores de abril”: “As cores de abril / Os ares de anil / O mundo se abriu em flor / E pássaros mil / Nas flores de abril / Voando e fazendo amor.” (Moraes, 1974). É bom recordar, “passar de novo pelo coração”. Profundos laços ligavam Vinicius a Portugal. Foi ali que o poeta tomou conhecimento de sua cassação como diplomata, quando da edição do AI-5 (Ato Institucional nº 5, que iria atingir políticos, funcionários públicos etc.) pelos militares. Na apresentação ao lado de Baden Powell, diria o poema “Minha Pátria”⁷, acompanhado ao violão pelo parceiro, dedilhando o Hino Nacional:

⁷ Cf. MORAES, Vinicius de. *Pátria minha*. Barcelona: O livro inconsútil, 1949. O poema foi publicado por João Cabral de Melo Neto, quando servia em Barcelona, numa edição de 50 exemplares.

Se me perguntarem o que é a minha pátria, direi:
Não sei. De fato, não sei
Como, por que e quando a minha pátria
Mas sei que a minha pátria é a luz, o sal e a água
Que elaboram e liquefazem a minha mágoa
Em longas lágrimas amargas.

Vontade de beijar os olhos de minha pátria
De niná-la, de passar-lhe a mão pelos cabelos... (Moraes, 1949)

Ao final da apresentação, avisado e aconselhado a partir pela porta dos fundos, porque um grupo de estudantes salazaristas se encontrava concentrado na saída para hostilizá-lo, sem um momento de hesitação, decidiu enfrentá-los. Sua arma: a poesia. Olhando um a um nos olhos, disse o poema Poética 1: “De manhã escureço / De dia tardo / De tarde anoiteço / De noite ardo” (Moraes, 1954). Um dos jovens presentes estende sua capa para Vinícius passar, no conhecido gesto de reverência. Os outros, imediatamente, o imitam⁸. A poesia vencera o obscurantismo.

Armazenadas na memória e no coração, tais canções estiveram presentes em diversos momentos marcados pela resistência ao regime, quando animavam a oposição a “continuar a continuar”⁹.

As gavetas vazias

Um comentário circulou pela grande mídia (*Jornal do Brasil*, *Le Monde*, *The Observer*) sobre as “gavetas vazias” dos escritores portugueses, logo após o 25 de Abril. Esperava-se que alguma grande obra surgisse. A colocação em si, ainda que inconsciente, traduzia uma postura estreita, em que o papel da censura acabava sendo minimizado. Na verdade, apesar da censura, a produção literária portuguesa sempre manteve um vigor incontestável. O que se verifica, num breve exame sobre as produções poéticas e da prosa de ficção, é que estas desenvolveram trajetórias diferenciadas. Por sua condição metafórica, a poesia se afirma em tempos onde se verifica a restrição da palavra e do pensamento.

⁸ A referência ao episódio está em CASTELLO, José. *Vinicius de Moraes: o poeta da paixão - uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 282-284.

⁹ BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés et alii. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 14.

Por outro lado, há momentos na arte em que o mundo exterior se sobrepõe ao interior, numa espécie de predomínio da ética objetiva em lugar da subjetiva. Em Portugal, todos se empenhavam em defender o que fora arduamente conquistado. Cardoso Pires discorre sobre o tema com extrema precisão e sensibilidade:

Para já, ele, escritor está produzindo em liberdade que é a mais bela meta que um livro pode ambicionar. Deixou de ser o carpinteiro cego e sem mãos de que falava Neruda e dispõe como nunca de olhos e mãos livres para ouvir e falar. Quer fazê-lo, isso é indiscutível. A qualquer hora ele está escrevendo de memória ou o inconsciente escreve por ele essas coisas que hoje mesmo, amanhã ou mais tarde irão lhe sair da pena. [...] É que tem razões para não precipitar o seu recado, quanto mais não seja porque em literatura não há primaveras de calendário nem invernos sem colheita. (Pires, 1977, p. 282)

Proféticas, as palavras de Pires se confirmam no chamado *boom* da literatura portuguesa. Surge a geração do pós-25 de Abril. Mulheres, silenciadas pela estreita vigilância do Estado Novo, despontam. O caminho fora sedimentado pelas que as antecederam: Maria Gabriela Llansol, Maria Judite de Carvalho, Agustina Bessa-Luís, Fernanda Botelho. Maria Velho da Costa, Maria Isabel Barreno e Maria Teresa Horta passariam a ser conhecidas como as “Três Marias”, duramente perseguidas pelo regime por publicarem as *Novas cartas portuguesas*. Tais cartas provocaram um abalo na sociedade. Nelas, questionava-se a falência de valores anacrônicos, falsamente articulados, baseados no patriarcalismo, a liberação sexual. O 25 de Abril poria fim ao processo judiciário por elas sofrido. Vejamos o que nos diz a primeira carta, escrita em julho de 1973:

Pois que toda literatura é uma longa carta a um interlocutor invisível, presente, possível ou futura paixão que liquidamos, alimentamos ou procuramos. E já foi dito que não interessa tanto o objeto, apenas pretexto, mas antes a paixão; eu acrescento que não interessa tanto a paixão, apenas pretexto, mas antes o seu exercício. (Barreno, Costa, Horta, 1974)¹⁰

No exercício da paixão, ainda uma vez, Abril se afirmava.

¹⁰ BARRENO, Maria Isabel; COSTA, Maria Velho da; HORTA, Maria Teresa. *Novas cartas portuguesas*. Lisboa: Futura, 1974.

Fotogramas de Abril

A Revolução dos Cravos marcaria de forma decisiva sua vida acadêmica. Ao integrar o Setor de Literatura Portuguesa, da UFRJ, sob a coordenação da Professora Cleonice Berardinelli, tinha clareza de que suas pesquisas se voltariam para o cenário do romance português do pós-25 de Abril. Interessava-lhe, especificamente, um momento histórico definido, e a relação deste momento com o surgimento de um romance que se incluía na vanguarda literária em Portugal, espaço até então ocupado pela poesia. Detectava-se a presença de alguns procedimentos que alinhavam o romance português na série romanesca contemporânea: a fragmentação da forma, a diluição do personagem, o aspecto confessional e a contestação política. A aproximá-los, a referência ao acontecimento histórico: o 25 de Abril sempre presente.

Ao exercer o magistério, tinha nítida a consciência de sua condição de professora brasileira lecionando literatura portuguesa para brasileiros. Por outro lado, guardava ainda a convicção de que, ao optar por um método de trabalho, escolheria o comparatista. E que, ao trabalhar com a série estética, não perderia de vista a social, acompanhando, desse modo, o pensamento de Adorno ao considerar o real e o ficcional tão interligados, que o que aparece num inevitavelmente faltará no outro¹¹.

Tais ponderações procuravam dar conta do que se passava no contexto político nos anos 70 – os países de língua portuguesa achavam-se marcados por conflitos. No Brasil, a guerrilha predominava. Romances como *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós, *O zero*, de Ignácio de Loyola Brandão¹², *Tirando o capuz*, de Álvaro Caldas e *Os grandes senhores*, de Ronaldo Lima Lins¹³ tinham a ditadura militar como tema. Em Portugal, *Os cus de Judas*, de António Lobo Antunes, *Levantado do chão*, de José Saramago, *O dia dos prodígios*, de Lídia Jorge, *Retrato d’um amigo enquanto falo*, de Eduarda Dionsio, traçavam os impasses do que se passava no país, quer com a guerra colonial em África, quer com a “outra” guerra, no interior da nação – a luta antissalazarista. Em África, Luandino Vieira, *Vidas Novas*, e Pepetela, *Mayombe*, entre outros, dão conta da luta pela libertação. Não por acaso, Moacir Werneck de Castro reuniria em seu livro *Dois caminhos da Revolução Africana* (1962) as crônicas que escrevera, antes do golpe militar no Brasil, no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer. Em sua coluna, discutia o contexto africano, os impasses pelos quais lideranças como Mario Pinto de Andrade avaliavam a luta anticolonial e sua importância para derrubada do regime português.

¹¹ Cf. ADORNO, Theodor W. *Nottes sur la littérature*. Paris: Flamarion, 1984.

¹² Lançado na Itália.

¹³ Lançado em Portugal.

Dáí que a escolha de um romance sobre a guerra colonial como tema de sua dissertação de mestrado surgisse como desdobramento natural.

Pode-se dizer que a Revolução dos Cravos, com todo abril de antes e o de depois, traçaria a rota, por vezes feita de desvios e atalhos, por onde prosseguir. O 25 de Abril permaneceria como data a ser lembrada e comemorada... Fora o compromisso assumido consigo mesma, em 1974. A semana dedicada ao evento tornou-se parte de sua vida política e cultural na universidade. As aulas, como num ritual, iniciavam com a inscrição **25 DE ABRIL SEMPRE!**, no quadro de giz, palavra de ordem recuperada por Zeca Afonso, no Coliseu, ao encerrar a apresentação de “Grândola”, com o punho erguido. Era o primeiro dia de um maio em liberdade.

A formação musical e o gosto pelo canto contribuiriam para os festejos. Em aula, o convite inusitado para que aos alunos exercitassem a escala musical provocava impacto. Num misto de espanto, curiosidade e a necessária dose de euforia, a turma logo iria aderir à proposta. A voz era redescoberta, reaprendia-se a importância da respiração. Um pensamento se avizinhava: a magnífica condição da literatura, da poesia, de necessitar de pouco, muito pouco para ser levada a muitos – voz e memória. Tal possibilidade os entusiasmava. “Grândola, Vila Morena” ia se delineando. Depois de a conhecer e cantar, iniciava-se o processo de aproximação ao poema de Zeca Afonso. Percebia-se a disposição dos versos da canção, quando o último da primeira estrofe se repetia num movimento ascendente, retomando o anterior e, assim, sucessivamente. Os versos pareciam bailar entre si:

Grândola, Vila Morena
Terra da fraternidade
O povo é quem mais ordena
Dentro de ti, ó cidade

Dentro de ti ó cidade
O povo é quem mais ordena
Terra da fraternidade
Grândola, Vila Morena (Afonso, 1971)

Tal condição parecia guardar correspondência com o movimento de uma das danças alentejanas, na qual, de braços dados, a roda iria girar no sentido anti-horário e voltar a girar no sentido horário. Para melhor compreensão (sempre é bom quando teoria e prática se encontram), dirigiam-se ao pátio central da Faculdade de Letras, onde, cantando e dançando, alcançavam o entendimento do que fora exposto anteriormente. Quem assistia se deixava contagiar, aumentando a roda. O aspecto mágico da arte se materializava.

Ainda como parte da semana, assistia-se ao filme *Capitães de Abril*, de Maria de Medeiros, seguido de debate. O movimento dos Capitães e a criação do MFA, (Movimento das Forças Armadas) iam se definindo e nomes como os de Salgueiro Maia, Otelo Saraiva, Vasco Gonçalves naturalmente surgiam. Discutia-se como o regime, apesar de extremamente repressivo, encontrava resistência não só no interior das forças armadas, principalmente na jovem oficialidade, mas também nas classes dos trabalhadores e estudantes universitários. Pelo quadro político, depreendia-se que o fascismo, depois de 48 anos, afinal tinha os seus dias contados. O papel progressista do Movimento das Forças Armadas tornara-se decisivo, abreviando a espera. Os majores Otelo Saraiva de Carvalho e Melo Antunes, desde 1º de dezembro de 1973, preparavam o golpe, levando em conta não só a estratégia militar que asseguraria a vitória do movimento, como a elaboração de um programa político mínimo que consolidaria a democracia. Avaliava-se ainda a importância da deflagração desses eventos, além da razão pela qual os mesmos marcaram tão profundamente a vida cultural portuguesa, concentrando-se no fato de encerrarem o longo período de uma política unívoca, feita numa direção única, estreita e retrógrada. Posteriormente, o universo da existência nacional assumiria suas contradições internas e se modificaria à medida que avançava. Uma bibliografia sobre o tema aprofundaria as pesquisas e discussões.

Poemas selecionados pelas turmas eram ditos e adicionados a um grande mural, intitulado: 25 DE ABRIL SEMPRE!!! “Esta é a madrugada que eu esperava/ O dia inicial inteiro e limpo/ Onde emergimos da noite e do silêncio/ E livres habitamos a substância do tempo”, de Sophia de Mello Breyner Andresen¹⁴, entre tantos que a ela se juntavam.

O cartaz com a famosa pintura de Vieira da Silva sobre a Revolução em diálogo com o verso de Sophia, “A poesia está na rua”, ocupava lugar de destaque, tendo ao lado a emblemática foto de uma criança colocando um cravo na boca de um fuzil. Os corredores da faculdade animavam-se com as músicas de Zeca Afonso, José Mário Branco, Manuel Freire, Sergio Godinho, ecoando. Durante uma semana o mural, amorosamente construído, tornava-se o ponto de encontro para trocas poéticas, políticas e culturais.

Do outro lado do Atlântico, na Ponte 25 de Abril, em seus pilares, a mão anônima escrevia: 25 DE ABRIL SEMPRE!

¹⁴ ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Obra poética*. Edição de Carlos Mendes de Sousa. Alfragide: Caminho, 2011.

A linguagem dos muros

O livro *E agora, José?*, de Cardoso Pires (1977) tornou-se preciosa referência bibliográfica para que se entendesse o acontecimento que, segundo Sartre, seria o mais importante naquele momento para a Europa. Sabemos que um pouco da história dos lugares pode ser encontrado na linguagem dos muros. No Brasil, à época da repressão, *Celacanto provoca maremoto*, cujo enigma tentava-se decifrar, ou as explícitas *Abaixo a ditadura; Anistia para todos; Liberdade; Gentileza gera gentileza*. Remetiam a um passado não muito distante, onde o espaço público funcionava como o lugar onde as reivindicações fervilhavam. Maio de 68, na França, obedeceu ao mesmo princípio: *A imaginação no poder*. A força da juventude, como num rastilho de pólvora, parecia incendiar o planeta. Em Portugal, os jovens também não desejavam morrer numa guerra que não lhes pertencia, feita como sempre pelos grandes senhores que com ela lucravam.

[...] o que fizeram de nós aqui sentados à espera nesta paisagem sem mar, presos por três fieiras de arames farpados numa terra que não nos pertence, a morrer de paludismo e de balas cujo percurso silvado se aparenta a um nervo de *nylon* que vibra, (...) lutando contra um inimigo invisível, contra os dias que não se sucedem e indefinidamente se alongam. (Antunes, 1979, p. 56, 57)

O 25 de Abril se tornaria, inevitavelmente, uma de suas consequências. Logo após ao evento, José Cardoso Pires, em seu livro, o já mencionado *E agora, José?*, nos daria notícias dos diversos aspectos da Revolução dos Cravos. Ainda uma vez, os muros, até então impecavelmente caiados, surgiram em Lisboa, da noite para o dia, repletos de inscrições:

Até os muros que até então eram vedações impávidas ou autoritárias (na realidade recusavam qualquer aproximação com a ameaça do “proibido”: “proibido afixar”, “proibido estacionar”) até os muros se tornaram livres e populares. Mais ainda: falam, criticam a vida com o hábil diabólico humor do anonimato. (Pires, 1977, p. 269)

Daí, como narra o autor, encontrava-se numa fachada de igreja a inscrição “Deus é parvo”. No dia seguinte, outra mão acrescentaria: “Parvo és tu. Assinado, Deus”. Numa outra inscrição, é possível se ler: “O voto é a arma do povo”. Logo em seguida, outro responde: “Se votas, ficas desarmado”. Prossegue Pires, comentando a época:

(...) viajar hoje no meu país é percorrer uma cartilha de pedra e cal ilustrada de sentenças populares. Muito do nosso saber está

resumido ali, nos muros e foi escrito por todos e ninguém – o homem que passa e o militante nocturno, o artista de mão ignorada e o profeta comum. E frase a frase, caminhando e lendo, vamos aprendendo e lendo, vamos aprendendo à flor, das cidades e dos tapumes os abecedários da democracia, cada qual com seus apelos e seus avisos.

(Brecht: “As fotografias da revolução [de Outubro] mostram uma curiosa literatização da rua. As cidades, e mesmo as aldeias, estão consteladas de fórmulas, como símbolos. A Classe que se apodera do poder inscreve em grandes pinceladas as suas opiniões e as suas palavras de ordem nos edifícios de que se apoderou” – *Arte e revolução*). (Pires, 1977, p. 271)

Tanto as revoluções, como as paixões têm data para começar, mas não têm data para terminar. Se é verdade, como Michelet nos indica, que o final da Revolução Francesa se dá antes mesmo da queda do diretório, ela teria fim no momento em que, preso, Robespierre, sem conseguir atacar suas botas (estava com o queixo ferido, numa tentativa frustrada de suicídio), aceita a ajuda de um *citoyen*. Ao lhe agradecer, com voz doce, pronuncia com dificuldade essas palavras, “*Je vous remercie, Monsieur*”, utilizando *Monsieur*, tratamento hierarquizado, em lugar de *Citoyen*, indicando a intimidade que havia passado a vigorar entre os revolucionários.¹⁵ Se o historiador francês atribuía o fato à mudança do pronome de tratamento, em Cardoso Pires estaria associado ao retorno da metáfora, como à época em que as palavras eram proibidas: alertando-nos para o fim da fase eufórica da Revolução dos Cravos.

Hoje, abril de 77, já ninguém necessita de penetrar os *lobbies* da decisão política para se aperceber da tonalidade do *pôr do sol* que se avizinha [...] e começamos a ver reaparecer os primeiros silêncios do medo à nossa volta”. (Pires, 1977, p. 283, grifos nossos)

Conjugando o binômio cidadão/escritor “Zé”, como carinhosamente era chamado pelos amigos, sempre se alinhou no combate ao Estado Novo a qualquer forma de opressão. Daí termine o artigo pontuando as questões que se colocavam como desafio a ser enfrentado:

É assim o entardecer que temos de clarificar. O cravo está cheio de espinhos carnívoros, que estranha natureza poderá gerar? Há

¹⁵ MICHELET, Jules. *Histoire de la Révolution Française*, Vols I e II. Paris: Robert Laffont / Bouquins, - Vol II, 1986,1984. p.892.

estrume, vermes saídos do velho cadáver fascista que penetraram a flor pela raiz, e também isso é uma verdade. São os rancorosos emissários do passado a pretenderem fazer dele, cravo, um cardo árido e sem horizonte, mas não chegarão a tanto, é a nossa esperança. Se o conseguirem, se consumarem a sua corrupção, então nada mais resta ao desespero dos traídos do que queimá-lo em purificação, como alcachofra, para que volte a florir. E mesmo assim será ainda cravo, sempre cravo. Como tal nasceu e como tal o inventámos. (Pires, 1977, p. 313.)

Dez anos depois dos Cravos, o Brasil viveria o período das “Diretas Já”. A votação da emenda constitucional Dante de Oliveira ocorreria em 25 de abril de 1984. Não poderia se tratar de simples coincidência. O país clamava por mudanças. Comícios fantásticos, reunindo mais de um milhão de pessoas, pareciam revelar que, finalmente, recuperava-se a cidadania. Na Cinelândia, coração das manifestações no Rio de Janeiro, diante de um telão, tendo na mão cravos vermelhos, aguardava com ansiedade o resultado do pleito. Faltaram dezesseis votos para que a emenda fosse aprovada. Do desejo, passou-se à frustração. Desorientado, sem que nenhum sentido, rumo ou direção lhe fosse proposto, o clamor silenciou.

Como tudo na vida se constrói sobre violentas contradições, a chama de Abril voltaria a acalentar os sonhos em setembro do mesmo ano. A jornalista Cremilda Medina, do jornal *O Estado de São Paulo*, traria um grupo de escritores portugueses ao Brasil.¹⁶ Percorreriam várias cidades. No Rio de Janeiro, no auditório do Teatro Gil Vicente, na antiga sede da Faculdade de Letras, encantariam a plateia, com cerca de mais de duzentas pessoas que ali se encontravam. Nomes consagrados como Vergílio Ferreira, José Cardoso Pires, Alexandre O’Neill, Almeida Faria, entre outros, uniam-se aos jovens Lídia Jorge e António Lobo Antunes. Saramago também se encontrava. O escritor e humorista Millôr Fernandes lhe dedicaria uma charge sobre o romance *Memorial do convento*, que o tornaria conhecido pelos leitores brasileiros. No *Jornal do Brasil*, o repórter Araújo Neto com ele realizaria uma importante entrevista, tendo como título “Saramago, o descobridor do Macondo Português”.¹⁷

Ao serem solicitados para que brevemente se apresentassem, Cardoso Pires o faz com uma dose sutil de humor: “Sou português, escritor, tenho 54 anos, e gosto de uísque”.

¹⁶ Do encontro, resultaria a publicação de *Viagem à Literatura Portuguesa Contemporânea*, de Cremilda Medina.

¹⁷ NETO, Araújo. “O descobridor do Macondo português” *Jornal do Brasil – caderno B*. Rio de Janeiro, 11, maio 1983.

Lídia Jorge falaria da influência de Guimarães Rosa em sua escrita, Lobo Antunes, em tom de provocação, diria: “Sou melhor do que Eça”. Memórias de um encontro em que a leveza de Abril pairava no ar.

Mais tarde, seria a vez do teatro cruzar o Atlântico. Maria do Céu Guerra, com seu grupo “A Barraca”, traria a peça “É menino, ou menina?”, girando em torno de temas vicentinos, e “O Baile”. Neste, levaria para o campo da dramaturgia o filme de Ettore Scola. O cineasta e diretor italiano teria resumido a crônica do contexto europeu da década de 30 aos anos 80. Sem diálogos, os personagens se reúnem num salão onde passam a viver de suas memórias. O grupo português, fundado em 1976 por Helder Costa e Maria do Céu Guerra, iria adaptá-lo, revivendo os momentos do antes, durante e depois do 25 de Abril.

Na música, Carlos do Carmo daria a conhecer uma nova modalidade de interpretar o fado: o desdramatizando. “Canoas do Tejo”, “Lisboa menina e moça”, “O homem das castanhas” e tantos outros ainda ecoam vivos na memória. Foram anos riquíssimos de trocas artísticas e culturais entre os dois países.

Figuras expressivas no plano da Teoria e Crítica Literárias, antes e depois do 25 de Abril, aqui estiveram. Muitos se fixaram por um tempo nas universidades, como Jorge de Sena e Adolfo Casais Monteiro. Outros iriam participar de congressos e cursos universitários – Eduardo Prado Coelho, Eduardo Lourenço, Alfredo Margarido, Maria Alzira Seixo, Óscar Lopes, Mécia de Sena, entre outros.

Onde os Cravos?

Na década de 80, ao chegar pela primeira vez em Lisboa, à procura dos Cravos, se deparou, próximo ao aeroporto, com o cartaz *Pra frente, Portugal!* As eleições estavam próximas. O candidato da direita, Freitas do Amaral, tomara para si como lema o *slogan* da ditadura empresarial militar brasileira. Imediatamente ligou para os amigos no Brasil, pedindo-lhes que enviassem a cópia do filme *Pra frente, Brasil*, de Roberto Farias. Ao ganhar o Kikito, prêmio do Festival de Gramado, teria provocado a queda de Celso Amorim, à época presidente da Embráfilme. A película expunha a tortura praticada contra os opositores pelos militares.

Anos depois regressaria a Portugal. Chovia no dia 25 de Abril. Um pequeno grupo reunido num coreto cantava “Grândola, Vila Morena”. Não era assim que o havia imaginado. Chuva e lágrimas se misturaram à canção.

Como a dialética continua sendo uma forma confiável na tentativa de se compreender a realidade, à mesma época, num dos Congressos de Língua e Literatura da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), presidido pelo Professor Leodegário de Azevedo Filho, falaria sobre a Revolução dos Cravos. Um jovem professor português que integrava a programação do evento, ao final da conferência, aproximou-se e lhe segredou: “O 25 de Abril não existe mais”. Como fora acertado anteriormente, o encerramento da sessão se daria ao som de “Grândola, Vila Morena”, cantada pelos presentes, alunos e professores que ali se encontravam. Sabiam-na de cor. Com olhos de espanto, diante de um auditório lotado que entoava a senha da Revolução a plenos pulmões, o professor soltou a voz. Abril se afirmava!

25+25 (infinitamente 25...)

Num de seus livros mais brilhantes, *A alma e as formas*, György Lukács discorre sobre a natureza do gesto para a existência em sociedade. Gestos são como momentos especiais, de valor para o entendimento humano. Por vezes, perdidos num labirinto de possibilidades, busca-se a razão de ser da existência, movimenta-se como se os olhos estivessem vendados. Simplesmente não se enxerga. Ou melhor: enxerga-se sem ver. Um instante vivido de maneira contundente, uma notícia, boa ou ruim, pode alterar o rumo seguido e transformar a biografia de alguém. Foi assim com o 25 de Abril.

Hoje, 50 anos depois dos Cravos, Portugal se prepara para uma grande celebração. Há algum tempo, cuidadosamente, o evento vem sendo idealizado. E motivos não faltariam. A ascensão do fascismo em toda parte soa como um alerta. A xenofobia e as diversas modalidades de intolerância, sejam pela homofobia, a transfobia, a misoginia, o racismo, o ódio social ao imigrante, em que o outro, ainda uma vez, é visto como inimigo, tornam urgente e inadiável o enfrentamento a todas as formas de exclusão. O horror do genocídio imposto aos palestinos na Faixa de Gaza faz com que se questione o conceito de civilização. Para que se cumpra o programa de limpeza étnica, os alvos preferenciais tornam-se mulheres e crianças. Crianças... “Mas as crianças, Senhor/ Por que lhes dais tanta dor?/ Por que as fazes sofrer assim?”¹⁸ Perguntas que, uma vez formuladas, põem o mundo em movimento, como o do povo nas ruas, em diferentes países, clamando por um cessar fogo imediato, pela Paz. A África do Sul envia-lhes um recado: “Resistam, foi assim que vencemos o *Apartheid*”.

¹⁸ Cf. o trecho de “Balada da Neve”, de Augusto Gil, citado em “Teorema Cultural Muito Simples” In: *Cravo*. Lisboa: Moraes Editores. 1976. p. 69.

Por vezes, quando as cores e os ideais parecem se confundir, quando verdades se desfiguram, tem-se de continuar procurando, com a consciência de que há uma essência oculta, soterrada sob as impressões na passagem dos dias, aguardando para se revelar. Fagulhas, nesse instante, fornecem pistas para que se avance. Vozes vindas de muito longe comunicam, trazem uma essência. A de Eduardo Lourenço é uma delas:

A verdade é que os monstros voltam sempre [...] A cada hora o mundo é o que fazemos dele. A história o que fizemos dela. E os valores e os encontros. Tudo está se fazendo. Se cruzarmos os braços, as coisas e as ideias voltam ao caos, e os fantasmas da necessidade e da morte adquirem novo alento pela nossa desistência”. (Lourenço, 1951, p. 9).

“A Esfinge ou a Poesia” surge no auge do salazarismo, na Revista *Árvore: folhas de poesia*, no outono de 1951. Lourenço irá republicá-lo em 1974. Transcorridos mais de setenta anos, faz com que se pense, avalie e atualize a noção de resistência. Sem ela, os sonhos morrem. Que os cravos floresçam sempre! Que os versos de “Grândola” ecoem, iluminando o caminho: “Em cada esquina um amigo/ em cada rosto igualdade/ Grândola Vila Morena/ terra da fraternidade... terra da fraternidade”.

Referências

- ADORNO, Theodor. **Nottes sur la littérature**. Paris: Flammarion, 1984
- ALMA. [Compositor e intérprete]: Paulo de Carvalho. Londres: Abbey Road, 1994. LP.
- ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. **Obra poética**. Edição de Carlos Mendes de Sousa. Alfragide: Caminho, 2011.
- ANTUNES, António. **Os cus de Judas**. Lisboa: Vega, 1979
- AMARO, Luís e outros. **Árvore: folhas de poesia**, Lisboa: Oficina Gráficas Ramos, Afonso & Moita, nº 1,2,3,1951/1952
- ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- AS CORES de abril. Intérpretes: Vinícius de Moraes e Toquinho. Compositores: Vinícius de Moraes e Toquinho. *In*: VINICIUS & Toquinho. Intérpretes: Vinícius de Moraes e Toquinho. São Paulo: Polygram, 1974. LP.

BARRENO, Maria Isabel; COSTA, Maria Velho da; HORTA, Maria Teresa. **Novas cartas portuguesas**. Lisboa: Futura, 1974.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. Trad. Carlos Felipe Moisés et alii. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. **O zero**. Rio de Janeiro: Codecri, 1979.

CALDAS, Álvaro. **Tirando o capuz**. Rio de Janeiro: Pasquim, 1981.

CAPITÃES de Abril. Direção de Maria de Medeiros. França/Portugal/Itália/Espanha. Maisfilmes, 2000. DVD.

CASTELLO, José. **Vinicius de Moraes: o poeta da paixão - uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CASTRO, Moacir Werneck. **Dois caminhos da Revolução Africana**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos. Presidência da República. 1962.

COSTA, Maria Velho da. **Cravo**. Lisboa: Moraes Editores, 1976.

DIONÍSIO, Eduarda. **Retrato d’um amigo enquanto falo**. Lisboa: Quimera, 1988.

GRÂNDOLA, vila morena. Intérprete: Zeca Afonso. Compositor: Zeca Afonso. *In: CANTIGAS do maio*. Lisboa: Orfeu, 1971. LP.

JORGE, Lídia. **O dia dos prodígios**. Lisboa: Europa-América, 1979.

LINS, Ronaldo Lima. **Os grandes senhores**. Porto: Editora Afrontamento, 1975.

LOURENÇO, Eduardo. **Tempo e poesia**. Porto: Inova, 1974.

LUKÁCS, György. **A alma e as formas**. Intr. Judith Butler. Trad. Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Viagem à literatura portuguesa contemporânea**. Petrópolis: Nórdica, 1983.

MICHELET, Jules. **Histoire de la Révolution Française**, Vols I e II. Paris: Robert Laffont/Bouquins, 1986,1984.

MORAES, Vinicius de. **Pátria minha**. Barcelona: O Livro Inconsútil, 1949.

_____. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: A Noite, 1954.

NETO, Araújo. O descobridor do Macondo português. **Jornal do Brasil – caderno B**. Rio de Janeiro, 11, maio 1983.

O FADO e o cravo de abril. Intérprete: Abílio Manoel. Compositor: Abílio Manoel. *In: AMÉRICA morena*. Rio de Janeiro: Som Livre, nº. 410.6010, 1976. LP.

PENA verde. Intérprete: Abílio Manoel. Compositor: Abílio Manoel. *In*: PENA verde. Rio de Janeiro: Odeon, 1970. LP.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: Editora Ática. Coleção Autores Africanos, 1982.

PIRES, José Cardoso. **E agora, José?** Lisboa: Moraes, 1977.

PRA FRENTE Brasil. Direção de Roberto Farias. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1982. DVD.

SADER, Eder. **Um rumor de botas**. A militarização de Estado na América Latina. São Paulo: Polis, 1982.

_____. *Lições de Portugal* (s.l.). **Brasil Socialista**. (s.d.).

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. Lisboa: Caminho, 1982.

TANTO mar. (1ª versão) Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. *In*: TANTO mar: Chico Buarque. Lisboa: Philips, 1975. Compacto.

TANTO mar. (2ª versão) Intérprete: Chico Buarque. Compositor: Chico Buarque. *In*: CHICO Buarque. Rio de Janeiro: Philips, 1978. LP.

TAPAJÓS, Renato. **Em câmara lenta**. São Paulo: Editora Alfa Ômega, 1977.

TORQUATO NETO. **Os últimos dias de paupéria**. 2ª ed. Organização de Ana Maria Silva de Araújo Duarte e Waly Salomão. São Paulo: Editora Max Limonad Ltda, 1982.

_____. **Tudo é poema**. São Paulo: Editoras Fósforo e Luna Parque, 2022.

VIEIRA, Luandino. **Vidas Novas**. Porto: Afrontamento, 1975.